O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 48.º — N.º 2143

Sábado, 6 de Maio de 1950

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

NA FAMOSA CORTINA DE FERRO

Não é impunemente que a opinião pública europeia e mundial assinála na Rússia a famosa *cortina de ferro.*

Essa designação, que já adquiriu celebridade e que deve penetrar definitivamente na História, como símbolo do sistema cultural e político dum povo, teria o seu quê de pitoresco senão evocasse logo à imaginação, mutilações inexcedíveis nas almas e nos corpos.

A frase na sua singeleza e de limites bem definidos, encerra tristemente, para os homens de formação europeia e ocidental, um significado profundo.

A cortina de ferro é em rigor, na Rússia, uma força ilimitada, uma instituição de feição total e nacional.

Condiciona na sua teia labiríntica e tenebrosa, a existência e o exercício da vida intelectual, moral, social, económica e política daquele país e das nações que hoje lhe estão submetidas.

Não é difícil e complexo definir o seu conceito de vida, a sua visão intelectual e a sua inteligência política.

A sua organização tanto para serviço interno, como para aplicação externa, é a dum Estado genuinamente totalitário, colectivista, despótico, cesarista, onde a liberdade e a dignidade da pessoa humana não existem; em que a liberdade espiritual e intelectual, liberdade criadora e renovadora da vida, nas suas variadas manifestações, são impossíveis.

Faz lembrar as recuadas e tirânicas monarquias da Assíria e da Pérsia, temíveis pela crueldade dos seus déspostas e o considerado absolutismo histórico oriental.

Pelo sangue, pela alma, pelo depósito tradicional de servidão, de obediência cega e de fatalismo rácico, é caracterizadamente um povo de formação oriental e asiática.

Se, alguma vez, no decurso da História, teve liberdade, essa liberdade foi passageira e episódica. Nem a espiritualidade, nem a cultura do Ocidente até ao presente século, conseguiram, apesar das tentativas feitas, alterar a estrutura natural e histórica do seu condicionalismo vital e psíquico.

A alma da terra e da estepe fica indiferente, mantem-se rebelde, permanece incompreendida em face da atitude clássica, como o ocidental encara a vida, o mundo e o ceu.

Chega a ser impressionante o paralelo com a forma de pensar, de sentir e de viver dos ocidentais.

No Ocidente, o espírito, a alma, a moral, a cultura, o indivíduo no seu fôro íntimo e sagrado, têm direitos incontestáveis e inalienáveis, que transcendem e ultrapassam a missão do Estado.

Este possui limitações naturais e sociais na esfera das suas funções de carácter político.

Superior ao Estado, para além da política e da economia, vive o espírito e existe a vida moral e intelectual, com a sua plena e integral soberania, que são factores de progresso, de surto civilizador e causa das rectificações e aperfeiçoamentos sucessivos, que se verificam no decorrer da História, e que são para o Homem e para os povos, a sua possibilidade e certeza de redenção.

Mesmo perante os desvios do espírito e da cultura, ocasionados pelo êrro e por uma síntese incompleta e imperfeita das realidades, ou pelos imponderáveis invencíveis do destino, a própria liberdade espiritual e intelectual, exercendo a sua função crítica e ordenadora, num dado momento, reconhece o êrro, abandona as vias irregulares seguidas e procura novos caminhos que a levam à Verdade e à salvação.

O espírito, mantendo-se íntegro e livre, fora das materialidades e dos interesses terrenos que degladiam os homens e os povos, e, portanto, conservando-se imparcial, impessoal e objectivo, encontra sempre na sua elaboração interior e na sua função julgadora, as soluções que melhor convêm ao homem, às sociedades, às nações e à Humanidade. E' originário da constituição intelectual e psicológica do homem fugir ao êrro, descobrir e seguir a Verdade.

A Razão, que define a superioridade humana, é a faculdade da ordem, do equilíbrio e da justa medida, quando exercida integralmente.

Na Russia a organização cultural, intelectual e política, é precisamente o contrário, o inverso do Ocidente. E' antípoda do pensamento e do sentimento europeus.

Por essa sua índole dominante e primacial, podemos considerá-la uma aberração da inteligência.

O Estado é a mais alta realidade espiritual e a suprema realidade política

O Estado é tudo na Russia e, consequentemente, a oligarquia mental que o dirige.

E' o depositário dos valores da alma, da consciência, da moral e da cultura, que só podem seguir as vias antecipadamente traçadas.

E' o que se chama, com propriedade, um verdadeiro absolutismo intelectual e político, com todos os corolários naturais do que é absoluto: intolerância, fanatismo, obediência incondicional, exclusivismo de ideias, cegueira de sentimentos e visão unilateral das coisas e dos factos.

Resumindo: escravidão da alma;—o eterno Prometeu agrilhoado, da clara, luminosa e divina Grécia. O Estado é que dita e impõe as normas de pensar, de sentir e de agir. O Estado é que é o guia e o modêlo, o tipo da nova verdade, da nova justiça e do novo bem, em que todos—o rebanho—têm de se inspirar, de pôr os olhos e o espírito. para nortear e conduzir, prudente e cuidadosamente, os pensamentos e os actos da sua vida.

J. CARREIRA

P. S. — No último artigo, além doutras gralhas de fácil correcção, no final, a seguir ao apaziguamento da família portuguesa, deve ler-se: São amnistiados verdadeiros portugueses, patriotas etc.

J. C.

O desmanchar da Feira

—o—

Estão a prosseguir os trabalhos de desobstrução do Rossio, constando que desta vez irá também às malvas o barracão camarário, como já foi o pórtico, ficando o recinto em condições de oferecer aos visitantes da cidade, durante o Verão, a mais bela paisagem que a ria, com as suas marinhas de sal, lhes pode dar. Isto, claro, se outras ideias tendentes a modificar o que de melhor Aveiro tem , não vierem ao encontro da perspectiva que vimos desenhar-se e tanto concorre para exteriorizarmos a nossa satisfação.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

IMPRENSA

Bélgica

Em nosso poder o n.º 14 desta deliciosa revista para quem, percorrendo as suas páginas e lendo-as e pousando os olhos sobre as gravuras que as ilustra, sente extraordinário prazer em recordar o que viu e admirou nesse lindo país de sonho.

Como temos dito, *Bélgica* publica-se em Lisboa, sendo órgão do Comissariado Geral Belga de Turismo ao qual presta os melhores serviços.

Falta de água

Começou cedo nalgumas habitações para onde se acha encanada.

E' que ainda estamos no princípio de Maio.

Aquelas almas...

Sim; aquelas almas que davam o nome à ponte já demolida para a praça sobre a ria, em frente ao *Arcada-Hotel*, desapareceram também um nome do urbanismo local. Foram elas e a velha casa das senhoras Mesquitas, na Rua Manuel Firmino, que, com o quintal anexo, formava a Viela do Rolão, e, de futuro, passará a mais uma rua larga, moderna, com todos os requesitos para receber nome condigno.

Que decerto há-de ter.

Curso Jurídico

Nos dias 22 e 23 do corrente reunirá em Coimbra o Curso Jurídico de 1930-1935, devendo as inscrições ser comunicadas a qualquer dos componentes com residência em Coimbra, Drs. Hernani Marques, advogado, Rua da Sofia 155, e Pimentel de Sousa, secretário da Universidade, os quais esperam a urgente adesão de todos os condiscípulos que hajam pertencido ao referido curso ou o acompanharam nalguns anos e desejam comparecer na reunião.

Falta de espaço

Por este motivo ficam para o próximo número alguns originais que não perdem a oportunidade.

A BOLA

—o—

No domingo esteve a cidade muito movimentada com entusiastas desportistas que vieram de Coimbra e do Porto divertir-se ao campo do Parque. O dia esteve deveras primaveril, fazendo todas as casas com permissão de se conservarem abertas um bom negócio.

Os automóveis e bicicletas contaram-se por centenas.

Por ter havido empate do jogo voltaram na quarta-feira, mas, como era semana, não meteu tanta gente.

As estradas do distrito

—o—

Na última sessão da Assembleia Nacional, o deputado sr. dr. Paulo Cancela de Abreu, reforçando opiniões já formuladas ácerca de estradas, especialmente do distrito de Aveiro, fez alguns reparos ácerca delas e, acentuando a escassez de algumas verbas, mostrou a necessidade do Govêrno lhes dedicar a sua atenção, pelo que requereu lhe fossem fornecidos os seguintes elementos:

Quais as obras de construção e grande reparação a fazer em 1950 neste distrito, quais os estudos de construção e de grande reparação em curso quanto ao mesmo distrito e se estão completados quaisquer estudos definitivos sobre a construção de novas pontes na Gafanha e no Farol, na estrada que liga Aveiro à Costa Nova do Prado.

E' que, principalmente as duas referidas pontes, de capital importância para a região, não podem estar indefinidamente à espera que passem de provisórias a definitivas.

Já muito teem elas resistido.

Benemerência

Dentro de um envelope, procedente de Viana do Castelo, como constatámos pelo carimbo do correio, foram recebidas nesta Redacção estas palavras:

Para comemorar a passagem do aniversário de sua Madrinha, envia-se, para os pobres do seu jornal, a quantia de 20$00.

Em nome deles ficamos muito reconhecidos ao caridoso anónimo.

Nova invenção

—o—

Notícia o jornal inglês *Manchester Guardian* que na Federação das indústrias de aparelhos de rádio e electrotécnicos se acha exposta uma máquina de aspecto imponente cujo fim é poupar tempo aos dactilógrafos—e quem diz estes diz também dactilógrafas—e homens de negócios.

Os possuidores desta máquina não precisarão de mandar chamar um secretário quando quizerem ditar as cartas. Eles, ou quem quer que esteja no edifício que tenha a máquina, terão simplesmente de levantar o auscultador do telefone, marcar um número e ditar. Noutra sala uma luz vermelha diz ao dactilógrafo que lhe chegou uma carta no aparelho e ele terá simplesmente de pôr os auscultadores e começar a escrever. Porém, uma das atracções desta maravilha é que para se anularem as palavras ditas não é preciso mais do que marcar três números e pousar de novo o telefone.

Palavra, que é da gente ficar perplexo.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense,* Rua dos Mercadores.

Efeméride

Manuel da Silva Gaio, que nasceu em Coimbra a 6 de Maio de 1860, soube honrar as letras do seu tempo como prosador e poeta de grande merecimento. Era filho do autor do famoso romance histórico Mário, *o dr. António Silva Gaio; herdeiro dum nome glorioso o dr. Manuel da Silva Gaio, era formado em direito e desde muito novo se dedicou à literatura, em que produziu alguns trabalhos dignos de leitura como o romance* Torturados, A dama de Ribaldava *(contos),* Sulamite *(poesia), etc.*

«Se na sua vasta produção—escreveu Agostinho de Campos—há páginas admiráveis, dela se tira, acimo de tudo, a lição da sinceridade, do amor incorruptível da arte literária, incapaz de ceder a outros móveis que não sejam os do culto ingénuo e puro da Beleza. Por este aspecto é tanto ou mais exemplar a sua nobre vida, do que os seus livros leais».

"O Democrata,,

—o—

Continuam bastantes dos nossos colegas da província a publicar-se apenas com duas páginas e a queixar-se das dificuldades ainda assim com que lutam.

Não sabemos se os nossos leitores se lembram de que no fim de 1948 lhe dissémos ser natural que o mesmo viesse a acontecer ao *Democrata* por haver estabelecido continuar com a antiga tabela dos preços das assinaturas e dos anúncios apesar da tipografia e do papel não sofrerem qualquer diminuição depois de acabar a guerra e os correios terem elevado as taxas dos seus serviços astronómicamente. Continuamos, pois, subjugados ao peso de uma série de dificuldades que não vemos maneira de diminuirem e por isso não devem os nossos assinantes estranhar se em qualquer altura nos virmos obrigados a acompanhar os referidos colegas, não diremos sempre, mas uma ou outra veza ver se deste modo podemos equilibrar a receita com a despesa sem sacrifícios de maior. As cobranças são caríssimas. Basta dizer que um recibo de 15$00, não incluindo o impresso, reduz a assinatura anual à importância de 26$70, quando não a menos, visto haver recibos devolvidos por falta de pagamento ao serem apresentados. Ora é para este caso que nós queremos chamar a atenção dos nossos assinantes. Um recibo devolvido implica trabalho e nova despesa que, como se demonstra, pesa bastante na balança da administração do jornal.

Apelamos, portanto, para eles no sentido de terem em atenção a teimosia do *Democrata*, que paga *adiantadamente* o papel em que se imprime, a avença ao correio, no acto da compra as estampilhas e os selos de que necessita e, todos os sábados, a conta da tipografia onde se compõe, fóra o resto que chega a atingir muitas dezenas de milhares de escudos.

Só desejamos, pois, a atenção dos nossos assinantes para o que, resumidamente, deixamos exposto.

"Semana do Ultramar,,

Em colaboração com a Sociedade de Geografia realizou, faz hoje oito dias, no vasto salão do Ginásio do Liceu, uma conferência o considerado aveirense, sr. dr. Francisco Romão Machado, ex-aluno daquela casa de ensino e educação, que durante largos anos prestou serviços clínicos, especialmente no combate contra a doença do sono em Angola.

Subordinada ao têma *Alguns Aspectos da Colonização Portuguêsa,* interessou sobremaneira o auditório, na sua maior parte constituído por professores e alunos, que, no fim, distinguiram com uma prolongada salva de palmas o ilustre conferente.

De respeito!

Foi transmitida de La Valetta a notícia de que o Parlamento de Malta suspendeu uma deputada, a senhora Agatha Bárbara, durante uma semana por ter esbofeteado o ministro das Finanças em plena sessão.

Ou ela não se chamasse Bárbara...

AMADORES DE TEATRO

O Orfeon e a revista "Pão de Ló de Ovar,, alcançaram no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, o exito que era de esperar

Há anos foi o Grupo Cénico do Club dos Galitos que fez figura na capital, representando, também no Coliseu, as revistas *Ao Cantar do Galo* e *Molho de Escabeche,* com elementos que fizeram vibrar de entusiasmo a assistência que, por completo, o encheu; agora ainda foram os naturais do distrito que mostraram aquilo de que são capazes e conseguiram igualmente salientar se no meio onde deram tres espectáculos, como se demonstra pelas transcrições que se seguem, a primeida do *Diário de Notícias* e a segunda do *Diário Popular,* oferecidas aos nossos leitores como testemunho da verdade com que apreciámos o famoso *Pão de Ló* quando tivemos ocasião de o saborear:

«Ovar veio até Lisboa, com o seu orfeão e o seu grupo dramático. «Os vareiros»—diz-se na simpática nota de abertura do programa—não pretendiam deslumbrar ninguém, mas apenas chamar a atenção para a mágica beleza da sua terra». O certo é que, além deste objectivo, alcançaram outros. Conquistaram a simpatia do público, lograram um exito muito animador, foram recebidos galhardamente—e conseguiram até (o que não é pequeno milagre!) encher o Coliseu, como nas grandes noites! Estavam lá, é certo, todos os vareiros residentes em Lisboa e a numerosa falange de apoio que acompanhou a embaixada artística à capital. Mas os outros espectadores, sem afinidades regionais, não deram o tempo por mal empregado e passaram algumas horas entretidas com o espectáculo variado,

que os vareiros lhe proporcionaram.

Pão de Ló de Ovar, em dois actos e vinte quadros, original de Manuel Sílvio, com música do autor, Vasco Macedo e Henrique Fernandes—é uma revista simpática, despretenciosa, feita segundo as normas do Parque Mayer, que a côr local e o bairrismo não conseguem infelizmente desfigurar. Pela nossa parte, preferíamos, com efeito, um espectáculo cem por cento regional.

E, ontem, os momentos mais altos da revista foram justamente os de mais acentuadas características locais. Seja como for, o espectáculo constituiu um êxito e compensará, por certo, o esforço e a dedicação dos que o puzeram de pé. Os vareiros apresentaram a sua revistazinha em Lisboa, na maior sala do País, perante um público interessado, que os aplaudiu longamente. E esta realidade indiscutível vai constituir um belo estímulo para maiores cometimentos.

Os interpretes deram tudo por tudo. Wilmar Marques, Maria Albertina e Rosa Romão, no naipe feminino, e Gomes Pinto (o *compère*), Francisco Marques e o pequeno bailarino Bernardino Silva —destacaram-se dos demais elementos. Se bem que não tivessem passado despercebidos Rosa Lourenço, Benvinda dos Santos, Otília Neves, Judite Dias, Alice Romão, Manuela Figueiredo, António Coelho, Raul Neves, Manuel Fonseca, Nunes Branco, José Figueiredo, Francisco Dias, David Sanfins, José Barbosa e Manuel Mendonça — todos eles com desempenho de relevo. Registe-se ainda a actividade de Manuel Sívio, que não só escreveu a revista e a musicou, como foi ainda o ensaiador e director de cena.

O espectácuio abriu com números de canto pelo Corpo Coral, sob a regência de Joaquim Teixeira. Conjunto harmonioso e afinado, a justificar plenamente as ovações do público. — *F. F.*

Aquele tão saboroso e tão justamente reclamado *Pão de ló de Ovar* veio ontem até ao Coliseu, aplaudido por um público que o encheu.

Abriu o espectáculo pelo corpo coral do «Orfeão de Ovar» que cantou a «Proposição dos Lusíadas» e uma «Rapsódia» do mestre professor do Conservatório Hermínio do Nascimento, o «Coro dos Soldados», do «Fausto» uma composição de M. Tino intitulada «Ao Mar» e extra-programa outra do regente, sr. Joaquim Teixeira.

Seguiu-se a representação da revista *Pão de Ló de Ovar*, em 2 actos e 20 quadros de Manuel Sílvio, com música de Vasco de Macedo, Henrique Fernandes e Manuel Sílvio, tendo por *compère* Gomes Pinto no «Zé Lambareiro». Quem não é lambareiro do pão de ló de Ovar?

A revista tem um recorte entre cosmopolita e bairrista, porventura para satisfazer o público de Lisboa e o de Ovar. Como quer que seja, permito-me aconselhar-lhes que numa próxima vinda façam predominar estes sobre aqueles, por mais pitorescos e muito menos conhecidos. Muitos números, no entanto, foram bisados e até trisados, o que demonstra o agrado da revista que representa um grande esforço de montagem e uma grande dedicação dos interpretes, entre os quais há elementos com muito pendor para o género, com uma expressiva desenvoltura e vozes quentes e de claro timbre.

Entre eles há que avultar Wilmar Marques, Maria Albertina, Rosa Lourenço, Rosa Romão, António Coelho, Raul Neves, Manuel Fonseca, Judite Dias e Francisco Dias, do «Vira Vareiro», o pequeno Manuel Mendonça no «Guarda Fiscal», e ainda Benvinda Santos, Otília Neves, Alice Romão, Manuela Figueiredo, Francisco Marques, Raul Neves, Manuel Fonseca, Nunes Branco, David Sanfins, José Barbosa, Bernardino Silva e José Figueiredo.

Havería alguns números a destacar, em especial de Wilmar Marques, que constituiu o *clou* da noite, mas em boa verdade todos fizeram o melhor possível por agradar, contribuindo para o êxito da revista, que terá, com certeza, numeroso público nos dois restantes espectáculos.—*J. de F.*

E é que teve, levando nos a enviar uma saudação muito especial ao grupo que tanto honrou a terra que representa.

Visita à Holanda

—o—

Como premiados do Concurso da Rádio Holandesa, organisado em conjunto com a Philips e K. L. M., estiveram durante uma semana no pequeno país do mar do Norte, donde já regressaram a Lisboa, o sr. Manuel Pereira Mateus e sua esposa, que fizeram a viagem por via aérea.

Foram hospedes das três aludidas emprêsas, cujos representantes os receberam carinhosamente à chegada ao campo de aviação «Schiphol» entregando à senhora Pereira Mateus um lindo ramo de tulipas variadas, que depois, entrando numa igreja, depoz aos pés da Virgem em acção de graças por a viagem ter decorrido ás mil maravilhas.

No vetusto castelo «Hooge Vuorsche» seguiram-se os cumprimentos e no hotel da cidade de Amsterdam teve lugar a recepção oficial aos dois visitantes, que com um automóvel à sua disposição, um interpetre e um cicerone percorreram os principais pontos da Holanda, admirando-a. Assim, dirigiram-se aos sítios mais pitorescos; foram à fábrica de lampadas e de rádio Philips, à Eindhoven e no estudio sonoro E. L. A., que é das mais modernos da Europa, tiveram ocasião de assistir a algumas demonstrações de aparelhos de rádio, segundo os métodos mais aperfeiçoados, para, no fim, regressarem ao nosso país deveras satisfeitos, entusiasmados com o cordeal acolhimento que lhes fora dispensado e tanto os cativou desde a primeira hora.

Combóios

—o—

O novo horário em que se fala há meses, entrará em vigor, segundo nos informam, no dia 14 do corrente.

E' aguardado com certo interesse, pois consta que Aveiro e circunvizinhanças ficará melhor servida, sendo caso para nos congratularmos.

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

Livros

Entre o Céu e a Terra

E' um livro de 100 páginas, onde Manuel Lopes da Silva, aveirense por nascimento, mas residente em Lisboa, reune algumas produções poéticas, fazendo uma estreia auspiciosa.

A crítica tece-lhe elogios, pois dos versos realça o talento do

MANUEL LOPES DA SILVA

novo poeta que, além de possuir um curso superior de violino, está prestes a terminar a sua licenciatura em Filosofia.

Entre o Céu e a Terra, lê-se com prazer e a circunstância do autor ser nosso conterrâneo, só nos desvanece e enche de orgulho assim como as palavras que a seguir inserimos, arrancadas ao prefácio que Félix Bermudes escreveu:

«O que, porém, tornou a obra mais atraente ao meu espírito de esteta que sente as imperfeições da forma rasgarem-lhe a sensibilidade como cardos, foi o respeito do autor deste livro pela herança de beleza que deixaram aos homens mil gerações de Artistas e de Poetas. Ele não renegou as lições do génio como fingem fazer os charlatães de praça que impingem pastilhas de inconcebível inépcia com rótulos de arte moderna.»

Com muitos parabéns para Manuel Lopes da Silva, agradecemos-lhe o exemplar do seu primeiro livro que nos ofereceu e bem assim a dedicatória nele traçada.

NECROLOGIA

D. Maria Amélia de Lemos Magalhães de Macedo Santos

Tendo falecido na sua vivenda da Quinta do Mosteiro, em Moreira da Maia, a sr.ª D. Maria de Lemos Magalhães de Macedo Santos, o seu cadáver veio na penultima quinta-feira, para o cemitério central desta cidade, sendo depositado no jazigo onde dormem o sono eterno os seus antepassados.

A virtuosa senhora, que desaparece aos 65 anos, era viúva do sr. Manuel de Macedo Santos; filha do sr. conselheiro Luís de Magalhães e neta do eloquente tribuno José Estêvão Coelho de Magalhães, lídima glória desta terra, que tanto se ufana de lhe ter servido de berço.

Afim de prestar o seu preito de homenagem a quem durante a vida se impôs pelos seus predicados morais e pelos seus dotes de coração e espírito, e ainda à memória daqueles ilustres aveirenses, compareceram no cemitério, além de um grupo de senhoras, entre as quais a sr.ª D. Conceição Maria dos Anjos, outras pessoas, nomeadamente os srs. dr. Alberto Souto, desembargador Melo Freitas, Francisco da Silva Rocha, dr. Orlando de Oliveira, Eduardo Cerqueira, António Carvalho da Silva e José Mortágua.

O Democrata, que se fez representar pelo seu administrador, acompanha a distinta família no seu luto.

* * *

Em Olhão (Algarve) deixou de existir, com 90 anos de idade, a sr.ª D. Maria Fena, natural do próximo concelho de Ilhavo.

Deixou nove filhos e era sogra do nosso assinante, ali residente, sr. António dos Santos Capela, a quem enviamos condolências.

Pelo Teatro

Os dois anunciados espectáculos no *Aveirense*, com as comédias *Três rapazes e uma rapariga* e *O club dos Gangsters*, pelos novos dos Comediantes de Lisboa, sob a direcção do impagável cómico Ribeirinho, despertaram, por vezes, hilariedade na assistência, principalmente na primeira noite.

* * *

No mesmo Teatro temos, nos dias 10 e 11, as peças *Vida sem luz* e *As mãos e a sombra*, pela Companhia de que faz parte o conhecido actor Alves da Cunha.

* * *

No *Avenida* não chegou a ser representada, na quarta-feira, a revista de costumes regionais *Nada de Confusões!*... pelo grupo cénico do Club Desportivo de Estarreja, que foi adiada não sabemos para quando.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. José Martins Arroja, funcionário da Câmara Municipal; ámanhã, o sr. tenente Jacinto Monteiro Rebocho; no dia 8, os srs. dr. Alberto Soares Machado, director clínico do Hospital da Misericórdia, Abel Gonçalves e Manuel Moreira Vinagre, guarda-livros da Fundição Aveirense, e a interessante Maria Helena Freitas Lima, filha do sr. João da Rosa Lima; em 9, a menina Ana Vitória Amador, dilecta filha do sr. Amadeu Amador, da acreditada firma Testa & Amadores; em 10, a sr.ª D. Marília Morais, filha do comerciante sr. Alvaro Morais, e o filho Guilherme Augusto, do sr. José Martins Taveira, e em 12, a sr.ª D. Maria da Glória Pinto, esposa do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria.

Gente nova

Teve na terça-feira a sua delivrance, dando à luz uma creança do sexo feminino, a sr.ª D. Virgínia de Almeida d'Eça M. Soares, esposa do considerado clínico aveirense, sr. dr. Manuel Marques Soares.

Com os nossos parabéns aos pais da recem-nascida, fazemos votos por que a felicidade a bafeje.

Partidas e Chegadas

Abraçámos no domingo em Aveiro, onde esteve de passagem, o nosso amigo major Alfredo de Brito, sub-inspector dos S. A. M.

—Também aqui estiveram os srs. Angelo M. Lima, Artur José Pinto Júnior e esposa; Raúl Regala M. Barreto e Belmiro Ribeiro, aspirantes de Finanças e Artur Sequeira, oficial aposentado dos C. T. T., todos residentes no Porto.

Doentes

Tendo melhorado da doença que o tem retido em casa, voltou a inspirar cuidados a doença do nosso amigo Virgílio da Silva, o que sentimos.

Agradecimento

Severiano Pereira, tendo sido operado no Hospital desta cidade pelo Ex.mo sr. Dr. Nogueira de Lemos, coadjuvado pelos Ex.mos Snrs. Drs. Humberto Leitão e Mieiro de Campos, vem por este meio manifestar o seu reconhecimento pela maneira carinhosa e gentil como foi tratado pelos referidos clínicos.

Aveiro, 2 de Maio de 1950

Correspondências

Eixo, 1

Após cerca de três anos de ausência encontra-se, de novo, entre nós, acompanhado de S. Ex.ma Família o nosso particular amigo e dedicado filho desta terra, sr. José Fernandes Mascarenhas activo gerente da importante emprêsa do Brasil— o *Moinho Inglês*.

Tendo conservado sempre a mais profunda dedicação pela escola da sua terra, que frequentou, foi a esta que fez uma das suas primeiras visitas, com o que nos deu muito prazer. Ao fazê-lo, solicitou-nos uma relação de todas as crianças pobres pelas quais vai distribuir vestuários.

Bem haja.

—Pela Junta de Freguesia foram reparados e caiados os muros da praça, melhoramento que se impunha.

—Continua doente, no Porto, com certa gravidade, o nosso ilustre conterrâneo, sr. Dr. Alfredo Coelho de Magalhães, director do Instituto Comercial da mesma cidade.

Desejamos-lhe os mais rápidos alívios.

—Acaba de ser aposentada a antiga professora da escola feminina, sr.ª D. Genoveva Sucena.

—Com a menina Maria Natércia Rodrigues Morais, filha do comerciante local sr. Viriato Moreira, realizou hoje o seu casamento, o sr. Armando Franco das Neves Gravato, empregado de escritório em Aveiro.

Muitas felicidades.

—Faleceram nesta freguesia a sr.ª Maria Rodrigues, casada, de 59 anos, do lugar de Horta; Manuel Lopes Melpim, viúvo, de 84 anos; Adelina Coelho da Silva, viúva, de 60 e Maria Luísa Nunes Albuquerque, também viúva, de 74.

C.

Esgueira, 3

Contando 17 anos, apenas, expirou depois de prolongado sofrimento, Walter de Castro Almeida, filho do nosso amigo José Maria Bastos de Almeida.

Aos desolados pais do inditoso moço, que teve um enterro bastante concorrido, apresentamos condolências.

—Chegou a Lisboa, vindo de Bissau, o sr. Paulo Guimarães, que fixará residência no Porto.

Apresentamos-lhe cumprimentos.

—Deu à luz um menino a esposa do sr. Lisandro de Carvalho, a quem felicitamos.

—Faz âmanhã anos o nosso amigo Ferdinand Ferreira.

Parabéns.

C.

Bonsucesso, 3

Em excursão, visitou no domingo e segunda-feira Fátima, Tomar, Castelo do Bode, Batalha, Alcobaça, Nazaré, Marinha Grande e outras povoações, o pessoal da Fábrica de Serração e Carpintaria do nosso amigo João Nunes Rocha, que para esse fim utilizou duas luxuosas camionetes.

A partida efectuou-se domingo de manhã daquele estabelecimento fabril, onde a todos foi servido o pequeno almoço, tendo a digressão decorrido num ambiente de boa camaradagem e de íntima satisfação.

Foram dois dias bem passados por essas paragens em que os ares e o clima são outros, assim como o ambiente e a fisionomia das terras.

A iniciativa de João Nunes Rocha, proporcionando aos seus operários esse admirável passeio, é digna de louvor pois é procedendo assim que as simpatias se multiplicam.

O. A.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.